



A Janela de Overton e a Igreja

Cosmovisão · Sociologia · 31 de julho de 2025

A janela de Overton é um conceito e método que ajuda a entender o que é socialmente aceito em determinado momento histórico. Trata-se de uma “janela social”, um espaço que delimita as ideias, comportamentos e práticas que a sociedade considera normais ou toleráveis. Dentro dessa janela, há práticas e pensamentos amplamente aceitos; fora dela, encontram-se os extremos que ainda não foram incorporados ao consenso social.

Por exemplo, ir ao mercado é algo que está no epicentro da janela de Overton no Brasil e em grande parte do mundo. Porém, essa janela não é fixa: ela pode se expandir, permitindo que novas ideias entrem, ou se contrair, excluindo práticas anteriormente aceitas. Esse movimento de expansão ou contração ocorre constantemente, moldado por forças culturais, sociais e políticas.

A Janela de Overton na Igreja: Um Fenômeno de Adaptação

Quando observamos a igreja, especialmente no meio reformado, percebemos que ela também passa por processos semelhantes de adaptação. A influência externa das mudanças culturais inevitavelmente afeta as práticas e os comportamentos dentro das comunidades cristãs. Um exemplo claro disso é a questão do feminismo.

O Feminismo e a Janela Evangélica

No início do século XX, o feminismo era amplamente rejeitado nos círculos evangélicos tradicionais. À medida que o movimento ganhou força na sociedade, a janela de Overton na igreja começou a se expandir gradualmente. Na primeira metade do século XX, havia uma abertura muito limitada. Na segunda metade, essa abertura aumentou, ainda que com restrições. Hoje, vemos uma aceitação maior de algumas ideias feministas, especialmente aquelas que correspondem ao feminismo mais moderado ou restrito dos anos 40 e 50.

Por exemplo, práticas que antes seriam impensáveis, como mulheres ensinando ou sendo missionárias sem o acompanhamento de um esposo, agora são comuns em muitas igrejas. Mesmo em comunidades que se dizem antifeministas, é evidente que houve concessões práticas. Algumas igrejas permitem que mulheres “palestrantes” ensinem em contextos específicos, mas evitam o uso do título “pastora” para não ferir sensibilidades teológicas. Esse fenômeno reflete uma adaptação gradual que acompanha a sociedade, mas sempre com um certo atraso em relação às mudanças culturais externas.

Esse atraso de transição, ou “delay”, é uma característica importante da janela de Overton na igreja. Enquanto a sociedade avança rapidamente em determinadas questões, a igreja frequentemente adota uma postura mais cautelosa, absorvendo ideias que estavam na sociedade décadas atrás. O que pode parecer bom, mas realmente não é, pois ainda que lenta a progressão, ela ocorre e transfigura-se em desculpas para fugir da doutrina em detrimento das aceitabilidades sociais.

O Problema da Falta de Autoanálise

O fenômeno da janela de Overton na igreja, embora compreensível como resultado de influências culturais, deve ser enfrentado com rigor e desconfiança. A naturalidade do fenômeno não o torna benigno; pelo contrário, a história nos mostra que essas mudanças frequentemente introduzem corrosão nos pilares doutrinários. Não é simplesmente uma questão de avaliar o *conteúdo* das ideias que entram, mas de questionar o princípio de abrir as portas para influências externas que não emanam da Palavra de Deus.

Até onde devemos permitir que essas influências entrem na igreja? A resposta clara, do ponto de vista escritural, deveria ser “o mínimo possível”. A igreja é chamada a ser distinta, santa e separada (Lv 20:26; 2Co 6:17). As fronteiras devem ser rígidas, e o crivo para qualquer ideia externa deve ser a suficiência das Escrituras (2Tm 3:16–17). O problema não está apenas na falta de autocritica, mas no fato de que muitas igrejas substituíram a autoridade bíblica por conveniências culturais ou pragmatismo eclesiástico.

O apelo à autoanálise, embora correto em sua essência, pode falhar se não estiver ancorado na supremacia da Bíblia. O verdadeiro problema é que muitas igrejas já perderam a base para essa autocritica: elas não sabem mais como discernir o que é bíblico do que não é. A Palavra de Deus é clara ao advertir contra o conformismo ao mundo (Rm 12:2), mas a falta de zelo em aplicar essa verdade tem permitido que práticas contrárias à doutrina bíblica sejam aceitas como normais. Não se trata de equilibrar influências culturais, mas de rejeitá-las sempre que se afastam do padrão inerrante das Escrituras.

Assim, a questão não é apenas “quais limites precisamos estabelecer?”, mas se ainda temos coragem de estabelecer limites claros e não negociáveis em um contexto onde muitos preferem agradar o mundo a serem fiéis ao Senhor (Gl 1:10).

O Feminismo e o Perigo do “Migué”

Um exemplo claro disso é a forma como algumas igrejas lidam com a questão do ensino feminino. Para justificar práticas que antes seriam rejeitadas, utiliza-se o que podemos chamar de “migué” — um artifício cínico para driblar os princípios doutrinários. Por exemplo:

- Mulheres são chamadas de palestrantes, mas ensinam em contextos que envolvem homens e mulheres, o que a Bíblia claramente restringe.
- Palestras são realizadas em redes sociais ou eventos online, argumentando que o público-alvo é exclusivamente feminino, mas, na prática, estão acessíveis a todos.

Esse tipo de adaptação sutil cria uma contradição entre a prática e a doutrina, e a falta de análise crítica permite que essas mudanças ocorram sem um exame adequado.

Outros Exemplos: Instrumentos Musicais e Outras Mudanças

A janela de Overton não afeta apenas questões relacionadas ao feminismo. Podemos observar o mesmo fenômeno em diversas questões como no debates sobre o uso de instrumentos musicais, estilos de culto,

formas de evangelismo e outras práticas. Por exemplo, algo que outrora seria considerado inadequado, como o uso de determinados instrumentos no culto, hoje é amplamente aceito.

O ponto aqui não é dizer que toda mudança é ruim, apesar da sua maioria ser. A questão é que essas mudanças precisam ser avaliadas. Sem uma análise séria, corremos o risco de permitir que ideias e práticas contrárias às Escrituras entrem na igreja de forma descontrolada.

O Papel dos Cristãos Reformados

Infelizmente, muitos cristãos reformados têm negligenciado essa análise. A falta de reflexão crítica deixa um vácuo, que é preenchido por ideias mal formuladas ou por influências externas. O fenômeno da janela de Overton na igreja é real, e cabe aos cristãos comprometidos com a verdade bíblica fazerem essa autoanálise regularmente.

- **Autoanálise:** Avaliar as práticas e crenças à luz das Escrituras.
- **Autocrítica :** Reconhecer erros e inconsistências dentro da comunidade, corrigindo o que for necessário.

Essa autocrítica não é uma tarefa fácil, mas é essencial para preservar a pureza doutrinária e a fidelidade à Palavra de Deus. O problema está na forma e conteúdo dessas mudanças, principalmente porque em quase totalidade elas não correspondem com a Escritura. E sem essa análise, a igreja corre o risco de se afastar gradualmente de seus fundamentos bíblicos.

Conclusão

A janela de Overton é uma ferramenta útil para entender como ideias e práticas são normalizadas dentro da igreja, se redimida pela Escritura. Ela nos ajuda a perceber como as mudanças culturais afetam a comunidade cristã. No entanto, é responsabilidade da igreja avaliar continuamente essas mudanças, garantindo que estejam alinhadas com as Escrituras.

O desafio não é impedir que mudanças ocorram, mas discernir se há fundamento bíblico e até onde elas podem ir. A falta de autoanálise e autocrítica deixa a igreja vulnerável, permitindo que influências contrárias à Palavra de Deus se infiltrem. Por isso, os cristãos precisam estar atentos, analisando tanto o fenômeno das mudanças culturais quanto o conteúdo dessas mudanças. Só assim a igreja poderá permanecer fiel ao seu chamado bíblico, mesmo em um mundo em constante transformação.